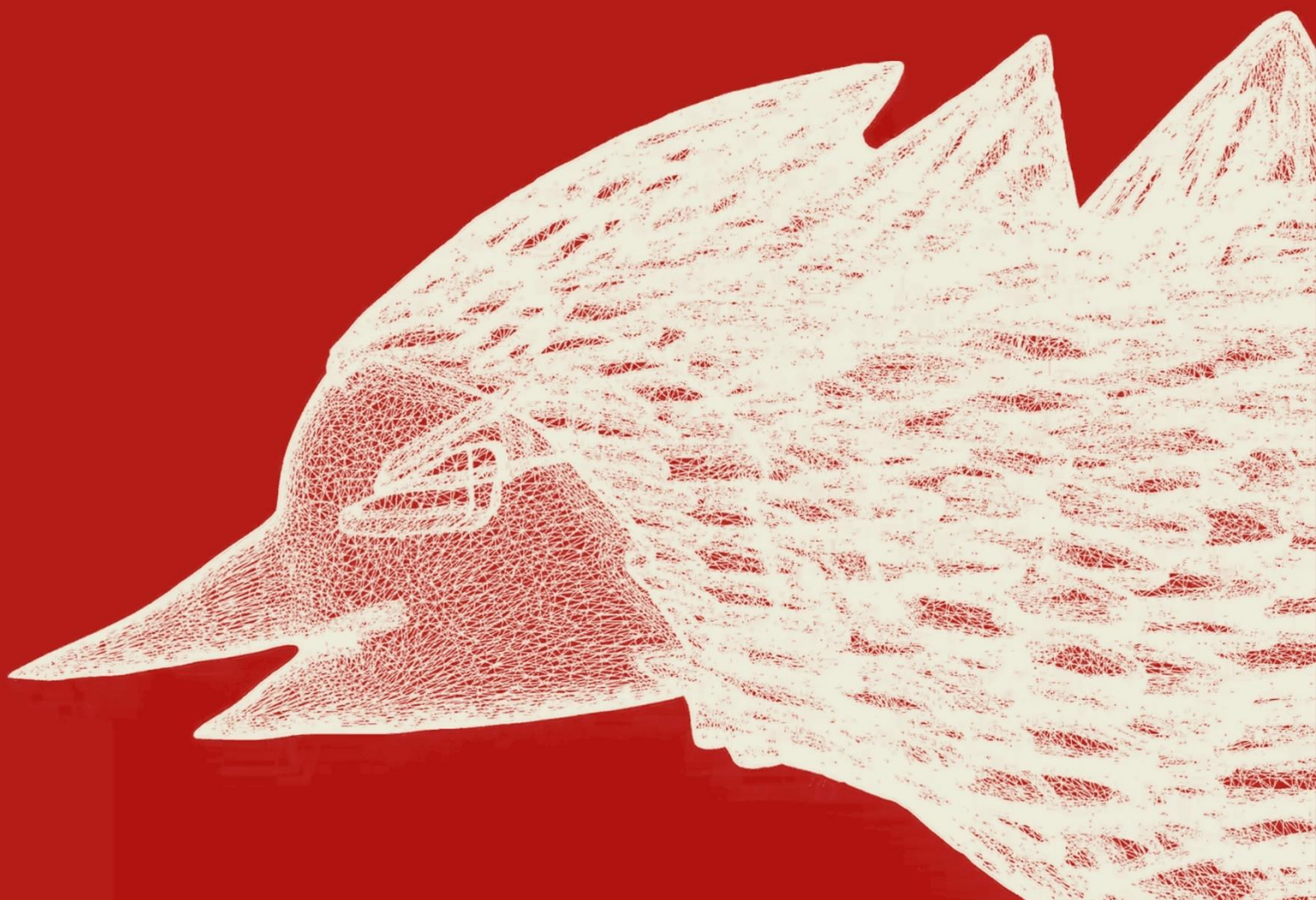


CAPÍTULO 1

DESCERRAMENTO DAS MULHERES GUARDIÃS: CRIADORAS DE LUGARES QUE (SOBRE)VIVEM

PAULA GUERRA
ISABEL PEREIRA LEITE
ANA CAROLINA AVILEZ



Capítulo 1 - Descerramento das mulheres guardiãs: criadoras dos lugares que (sobre)vivem

Unveiling of the women guardians: creators of the places that (survive)

Paula Guerra

Isabel Pereira Leite

Ana Carolina Avilez

Ao longo da história, as mulheres têm desempenhado diversos papéis centrais, ainda que muitas vezes invisíveis, enquanto guardiãs de espaços, sejam eles físicos, simbólicos ou até emocionais. Existe uma relação intrínseca entre corpo, lugar e criação artística que é por nós explorada neste livro, e que se encontra atravessada por múltiplas dinâmicas de poder, mas também de resistência e de transformação. Assim, e de forma muito sucinta, queremos alertar o leitor para o facto de estar diante de um livro que procura explorar teórica e visualmente as formas como as mulheres possuem a capacidade e a habilidade de modificar o significado de guardiã e os sentimentos de pertença através de práticas artísticas, do ativismo e da própria materialidade dos seus corpos, atuando, assim, como agentes de mudança e de (re)imaginação social.

Deste modo, tratando-se da introdução a este livro, considerámos pertinente, mencionar que esta obra se inspira em autoras como Rosi Braidotti, que em *Posthuman Knowledge* (2019) defende a necessidade de um processo de desconstrução do sujeito humano, promovendo e defendendo, por seu turno, a promoção e a adoção de um entendimento mais fluído e coletivo do ser humano. Para Braidotti (2019), dito por outras palavras, é essencial compreender como as mulheres, enquanto guardiãs, transcendem as fronteiras entre o individual e o coletivo, entre o corpo físico e os lugares que habitam. Além disso, o trabalho de Donna Haraway em *Staying with the Trouble* (2016), também pode ser mobilizado para abordar a importância de cultivar relações éticas e sustentáveis com o meio ambiente e com os *outros*; sendo esta uma prática que muitas mulheres têm adotado como forma de resistência e de cuidado (Butler, 2016a). Essas ideias, na nossa ótica, dialogam com a obra *The Surviving Sky* (2023), de Kritika H. Rao. Lemos

recentemente o livro, sendo que o mesmo prometia ser uma viagem pelos conceitos de utopia, de distopia, de gênero e de sustentabilidade, ao passo que descrevia um mundo novo imaginado. Na verdade, esta obra apresenta uma visão ficcional onde a ligação entre lugar, natureza e espiritualidade é explorada através do olhar feminino, questionando ativamente as hierarquias estabelecidas e propondo novas formas de habitar e cocriar espaços. Nunca nenhum livro nos pareceu fazer tanto sentido para começar outro livro.

Analogamente, os documentários e as artes visuais também oferecem representações provocativas desse dito papel feminino de guardiãs. Filmes como *Honeyland* (2019), de Tamara Kotevska e Ljubo Stefanov, retratam uma mulher enquanto guardiã de um ecossistema frágil, bem como exploram o equilíbrio entre aquela que é a tradição e a sustentabilidade num mundo que se encontra constantemente à beira do colapso. Por sua vez, a exposição *Women, Art, Revolution* (2020) ilumina os modos como a criação artística feminina se entrelaça com o ativismo, funcionando não apenas como um registo mnemónico e arquivista de um determinado momento histórico, e ainda relata como esta pode funcionar como um catalisador de transformação social. Nesse sentido, a narrativa especulativa de Rao (2023) oferece insights sobre temas como a resiliência feminina em cenários de desordem ecológica e social, posicionando as mulheres como centrais em processos de renovação e reconstrução.

A protagonista - Ahilya - emerge no livro de Rao (2023) como uma figura multifacetada, cuja relação com o espaço, com o corpo e com a espiritualidade redefine as noções de pertença e de poder. Estando a personagem dentro de um universo de cidades flutuantes sustentadas por uma interação simbiótica com a natureza, o romance posiciona Ahilya como guardiã tanto do equilíbrio ecológico quanto das complexas dinâmicas sociais que permeiam a sua comunidade. Ahilya personifica o conceito de lugar dinâmico, conforme discutido por Haraway (2016), ao interagir com os elementos vivos da arquitetura flutuante que formam a sua cidade. Além disso, a cosmologia proposta por Rao (2023), na nossa visão, explora a interação íntima entre os habitantes e os recursos naturais que sustentam a existência desses mesmos espaços flutuantes. Nesse contexto, esta personagem não apenas protege esses espaços, mas também possui a capacidade de os transformar em portais para novas possibilidades de coabitação sustentável. O corpo de Ahilya

não é apenas um veículo para as suas ações, é antes um espaço de transformação e de resistência. Rao (2023) utiliza a conexão entre o corpo de Ahilya e as raízes psíquicas que conectam os habitantes às cidades, para simbolizar as formas como o corpo feminino pode ser interpretado tanto como uma ferramenta de vulnerabilidade quanto de poder. Essa dinâmica ecoa os trabalhos de Judith Butler (2016b) sobre vulnerabilidade como força e a ideia de corpos que resistem ao subverter narrativas tradicionais de fraqueza associadas ao feminino.

O corpo feminino, que é muitas vezes compreendido como um lugar de opressão, também é reconfigurado enquanto espaço de potência e de reinvenção. Retomando os contributos de Butler (2016b), as mulheres subvertem narrativas de fragilidade para que possam emergir como figuras centrais em movimentos de emancipação e de criação. Essa ideia também é ampliada através da obra *The Care Manifesto* (2020), que enfatiza a importância de sistemas de cuidado como forma de resistir às dinâmicas neoliberais e patriarcais. Essa visão é enriquecida pela abordagem espiritual e filosófica de Rao (2023), que explora como a interconexão entre corpo, lugar e espiritualidade pode ser uma ferramenta para resistir à fragmentação imposta pelas estruturas dominantes.

Num panorama contemporâneo, podemos também aditar que o ativismo feminino não apenas desafia estruturas preestabelecidas, mas também redesenha o conceito de lugar como algo que é dinâmico e vivo, quase como um organismo. Mulheres em diferentes contextos culturais - desde as lutas indígenas pela terra na América Latina às práticas de resistência das artistas urbanas no Oriente Médio -, demonstram que os lugares são também campos de lutas simbólicas e reais. Aqui, o espaço não é apenas palco, mas parte ativa na narrativa. Em *The Surviving Sky* (Rao, 2023), essa dinâmica é explorada através de uma cosmologia em que os espaços flutuantes e vivos são tanto refúgio quanto campo de batalha, ecoando as experiências reais de mulheres que ocupam e transformam territórios nas sociedades contemporâneas (Guerra, 2025).

Em epítome, no decorrer deste livro, poderemos ter acesso a um conjunto de narrativas - que juntas - dão origem a uma só voz. Ora, a narrativa se entrelaça com esses e outros referenciais para revelar de que maneira as mulheres - de diferentes épocas e lugares - manifestam o seu papel como guardiãs. Seja através da pintura,

da performance ou da ocupação de espaços comunitários, estas guardiãs desafiam o efêmero, propondo um futuro onde o lugar e o corpo feminino são preservados e recriados como parte de um todo indivisível. É nesse horizonte que diligenciamos compreender: o que significa ser uma guardiã? Que espaços e narrativas as mulheres habitam, protegem e transformam? Como é que as suas criações artísticas e práticas ativistas dialogam com as urgências do passado, presente e futuro? Essas são as perguntas que nos guiarão pelas páginas que seguem, em busca de respostas e novas provocações. Se as encontrarem, ficamos a aguardar a sua partilha, de modo a continuar a promover a defesa da mudança social.

Referências Bibliográficas

- Braidotti, R. (2019). *Posthuman knowledge*. Polity Press.
- Butler, J. (2016a). *Frames of war: When is life grievable?* Verso.
- Butler, J. (2016b). Rethinking vulnerability and resistance. In J. Butler, Z. Gambetti, & L. Sabsay (Eds.), *Vulnerability in resistance* (pp. 12–27). Duke University Press.
- Guerra, P. (2025). Artes feministas para alegrar becos tristes: gênero, DIY e outras cenas artísticas no sul global. *Estudos de Sociologia, Araraquara*, 30(2), 577-596.
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Kotevska, T., & Stefanov, L. (Directors). (2019). *Honeyland* [Documentary]. Trice Films.
- Kritika, H. R. (2023). *The surviving sky*. Solaris.
- Manifesto for Caring Commons Collective. (2020). *The care manifesto: The politics of interdependence*. Verso.

